

Experiência tradicional

Na Comunidade Ema, um dos anfitriões do local, José Pereira, 73 anos, abre as portas da sua casa e do seu quintal rico em histórias. Ele relembra que a residência, que hoje guarda memórias, foi por muito tempo um dos pontos mais vivos da comunidade, um espaço onde cultura, fé e convivência se encontravam de forma natural.

Segundo ele, até 2005, o local permanecia em plena atividade, sustentado principalmente pela presença da líder do povo Kalunga dona Lió, tia-avó de Martha Kalunga. Ela mantinha tradições, recebia visitantes e fazia daquele espaço um verdadeiro ponto de encontro. Com a morte dela, no entanto, José percebeu que algo se perdeu no caminho — não apenas o movimento, mas uma forma de manter viva a cultura no cotidiano.

Além da sua casa carregar tradições — como paredes e tetos feitos de materiais naturais, extraídos do Cerrado —, atrás dela possui uma imensidão de possibilidades. Em poucos metros, José apresenta rochas que possuem hieróglifos e um rio que sustenta suas plantações, animais e até mesmo a própria sede.

O mesmo rio passa pelo espaço Akan, casa e comércio gerido pela família de Elizabeth Fernandes, 43. No local, ela e a avó dona Teresa oferecem aos turistas uma experiência imersiva, o Café com Barro, que faz parte do turismo de base comunitária que integra a Rota Quilombo Kalunga.

Elizabeth aprendeu com a avó tudo o que precisa para a sobrevivência. Hoje, seu principal trabalho — e até hobby — é buscar a argila, preparar a massa e dar forma aos utensílios que serão usados no restaurante da família, que funciona no local. Ali, quase tudo nasce do chão — dos pratos às panelas — criando um contato direto com a cultura Kalunga.

Elizabeth não se vê fora dali, porque entende que seu trabalho é mais do que sustento: é continuidade. Ao produzir usando a matéria-prima do território e a técnica familiar, ela preserva não só um ofício, mas uma forma de existir que resiste ao tempo e às mudanças, reafirmando que, naquele espaço, tradição e presente caminham lado a lado.

Fora a produção de objetos, Elizabeth apresenta um pouco mais da culinária local, desde sucos com



Elizabeth Fernandes compartilha a culinária local com produtos da comunidade do Quilombo Kalunga

Fotos: Julia Sirqueira/CB/D.A Press



Dona Teresa produzindo um cachimbo na experiência café com barro

frutos do cerrado, refeição com alimentos plantados em seu quintal e até mesmo pingas, que funcionam como remédios naturais.

Potência

O secretário de Turismo de Teresina de Goiás, Laydson Fernandes acompanha de perto o que o tombamento pode trazer para a comunidade. Para ele, o desafio não está apenas em ampliar o fluxo de visitantes, mas em garantir que o turismo ocorra de forma consciente, respeitando a história e o modo de vida das comunidades. Laydson destaca que, embora a região já seja reconhecida pelo turismo ecológico, existe um diferencial ainda pouco explorado: o turismo cultural, construído a partir das tradições, saberes e vivências que não podem ser transformadas em espetáculo.

Nesse sentido, a atuação da Secretaria tem se voltado para a conscientização e para o fortalecimento de parcerias que permitam desenvolver esse potencial sem provocar impactos negativos. No fim, a pergunta inicial não é apenas individual. “Quem cuida de mim?” é também uma pergunta coletiva. E, no território Kalunga, ela só pode ser respondida de uma forma: com permanência, memória e, principalmente, com gente disposta a continuar.

***A estagiária viajou ao território Kalunga a convite da Prefeitura de Cavalcante**